

FACHEIROS, MACAMBIRAS, XIQUE-XIQUES E MANDACARUS: REPRESENTAÇÕES E SIMBOLOGIAS CULTURAIS DA CAATINGA NORDESTINA.

DO NASCIMENTO WANDERLEY, Julierme.*

Este artigo tem como objetivo principal fazer uma análise das várias representações e simbologias culturais da Caatinga nordestina construída pela sua sociedade, assim como perceber os inúmeros estigmas e imagens que constroem as identidades dos habitantes do semi-árido nordestino a partir da mesma. No entanto, é comum ouvirmos, nos vários meios de comunicações institucionais e particulares, o trecho do poema "mandacaru// quando// fulora na seca//, é sinal //que a chuva// chegou no sertão//, menina nova// quando enjoa da boneca// é sinal que o amor//, já chegou no coração!//".¹ Além desse elemento natural utilizado pela população, há uma infinidade de outros elementos vegetais que são usados pelo cancioneiro popular de modo diferenciado para a legitimação e construção do ser nordestino. Falar sobre a caatinga é ir além de uma análise naturalista, é nos possibilitar fazer uma arqueo-genealogia dos vários discursos que instituem os lugares identitários da população que se estabeleceu na mesma desde a colonização.

A Caatinga é o bioma característico das regiões semi-áridas do interior do Nordeste, possuindo vegetação peculiar aos baixos índices pluviométricos, vegetação essa composta na sua grande maioria de arbustos que perdem suas folhas durante os períodos de estiagens e cactáceas que possuem tamanhos variados não possuindo folhas, mas tendo como características a grande quantidade de espinhos e uma considerável capacidade de armazenar água nos seus caules. É considerada o grande bioma da Região Nordeste abrangendo praticamente todo o interior dos estados dessa região como também partes do estado de Minas Gerais.

O clima das regiões cobertas pela mesma é o tropical semi-árido registrando baixos índices pluviométricos durante o ano, influenciando esteticamente sua vegetação.

*Universidade Lusófana de Humanidades e Tecnologias (**ULHT**) – Aluno do Mestrado em Ciências da Educação.

*Faculdades Integradas de Patos (**FIP**) - Aluno da Especialização em Educação Ambiental.

¹ Xote das meninas. Cf. letra de Zé Dantas, Luiz Gonzaga e os irmãos Vitale. Essa música mostra a representatividade que tem um dos elementos naturais da caatinga nordestina quando de sua floração, os compositores fazem uma comparação da vida vegetal, tendo como ator principal o mandacaru servindo de anteparo para a passagem do estado em que se encontra a personagem humana representada pela menina sertaneja que deixa de ser menina e se torna mulher deixando as práticas inerentes ao seu estágio infantil, representa-se dessa forma usando o mandacaru planta nativa do bioma da caatinga como elemento que influencia os “formatos” sociais das pessoas como o todo da sociedade das áreas acaatingadas do semi-árido nordestino dando enlances culturais diferenciados a essas paragens.

A Caatinga influencia a cultura da população que vive nela dando traços marcantes de rusticidade à mesma. As regiões de seu domínio começaram a ser ocupadas durante os séculos XVII e XVIII, tendo como mola mestra a criação de gado bovino como também a agricultura de subsistência. Referindo-se à importância que o homem dos sertões do nordeste dá à criação do *gado vacum*, tem-se que:

O sertanejo que já possuiu uma vaca, que seja jamais deixará de ser ou de sonhar ser um criador. Pois nada conforta mais a alma do fazendeiro do Nordeste do que ver seus animais saudáveis, pastando nos campos verdes, de maio a junho, em ano de bom inverno. O gado gordo, de pelagem lúzida, faz o criador esquecer as durezas do último verão e as pressões da espera das chuvas. Os próprios bezerros costumam “escramuçar” à tarde, correndo e saltando no pátio das fazendas, quando o tempo se prepara para chover. (GUERRA, 1981, p. 211).

Conforme a citação acima o autor faz toda uma apologia ao homem do campo nordestino, exprimindo sentimentos bucólicos, de satisfação da alma do homem quando este tem seus animais saudáveis, e, além disso, enaltecem os campos verdes, consequências das invernações que transformam a outrora paisagem ressequida. Com isso o homem mantém relações identitárias com a terra.

Sabe-se que a paisagem das regiões semi-áridas rejuvenesce com os primeiros pingos de chuva que prenuncia as invernações de maio a junho e são essas chuvas que fazem da caatinga um imenso jardim com seu séquito de vegetais floridos a ponto de servir como inspiração ao cancionista popular que resplandece em uma auréola cultural criando as figuras míticas e místicas que perfazem o imaginário popular do povo nordestino ao contrário do inverno, a seca transmuda a paisagem que aparentemente se encontra morta, mas, servindo de inspiração para o poeta popular quando declama:

No meu Cariri//Quando a chuva não vem//Não fica lá ninguém//Somente Deus ajuda//Se não vier do céu//Chuva que nos acuda//Macambira morre//Xique-xique seca//Juriti se muda//Se meu Deus der um jeito//De chover todo ano//Se acaba desengano//O meu viver lá é certo//No meu Cariri//Pode se ver de perto//Tanta boniteza//Pois a natureza//É um paraíso aberto. (CAVALCANTI MELO, 1968).

Percebe-se na citada poesia, que o meio natural da Caatinga instiga o poeta a fazer versos que falam a respeito das dificuldades de sobrevivência dos seus habitantes, mas, ao mesmo tempo apropriando-se dos seus elementos vegetais, por exemplos, a macambira e o xique-xique, e pela juriti representando o reino animal surge um cenário de fartura por meio da chuva que se transforma como afirma os últimos versos dessa poesia em verdadeiro paraíso no qual o homem do Cariri se deleita com tanta formosura.

Com a fixação do homem no interior nordestino por conta da criação de gado, formou-se uma sociedade influenciada por essa atividade que ficou conhecida como a sociedade do couro. Através da criação de gado bovino e conseqüentemente o surgimento das sedes de fazendas, deu-se os primeiros passos à formação dos primeiros núcleos habitacionais dessas paragens. Essa expansão da pecuária bovina fez com que houvesse uma sistemática e gradual devastação da mata de Caatinga para o surgimento de pastagens sem nenhuma preocupação de preservação desse bioma.

As práticas inadequadas tais como, a queima de coivaras, herdada dos nativos brasileiros para a formação de áreas de pastagens e a para produção agrícola foi responsável junto com outros manejos inadequados por uma sistemática devastação que levou com o passar do tempo a transformar o bioma de caatinga num dos biomas mais devastados do Brasil.

Outras atividades econômicas que vêm contribuindo para devastação do referido bioma nordestino são as atividades ligadas à fabricação de tijolos, telhas, pães, cal, cimento, gesso e outros. Além destes problemas, que talvez seja o mais grave, é a desinformação por parte de grande parcela de pessoas em nível de Brasil como também de Nordeste, que criam a falsa idéia de que o bioma da caatinga não tem a mesma importância de biomas como à mata atlântica e a floresta amazônica por não possuir uma vegetação de grande porte.

Na realidade a Caatinga nordestina detém uma grande variedade de espécimes vegetais e animais adaptados à robustez da mesma. Por conta do desprestígio do seu bioma, ela foi por muito tempo relegado, ao segundo plano, tanto pelas populações como também pelos meios científicos que provocaram por várias décadas o acirramento de sua devastação, proporcionando com isso o desaparecimento de várias espécies vegetais como de espécies animais.

As práticas agrícolas inadequadas e pecuária extensiva provocaram um verdadeiro desastre ecológico, assim como a derrubada da mata, ocasionou a extinção do *habitat* de

vários animais da fauna silvestre, empobrecendo o solo abrindo espaço para que o surgimento do fenômeno conhecido por desertificação.

Já no século XIX, eram sentidos esses problemas em relação à devastação das regiões cobertas de vegetação de Caatinga. Referindo-se a esse “holocausto” provocado pelo homem sobre o bioma, Cunha diz que:

Ora, os sertões do Norte, a despeito de uma esterilidade menor, contrapostos a este critério natural, figuram talvez o ponto singular de uma evolução regressiva.

Imaginamo-lo há pouco, numa retrospectiva em que, certo, a fantasia se insurgiu contra a gravidade da ciência, a emergirem, geologicamente modernos, de um vasto mar terciário.

À parte essa hipótese absolutamente instável, porém, o certo é que um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regímen contínuo, favorecendo flora mais vivaz.

Esboçamos anteriormente algumas.

Esquecemo-nos, todavia, de um agente geológico notável – o homem. Este de fato, não raro reage brutalmente sobre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo o decorrer da história, o papel de um terrível fazedor de desertos.

Começou isto por um desastroso legado indígena.

Na agricultura primitiva dos silvícolas era instrumento fundamental – o fogo.

Entalhadas as árvores pelos cortantes dgs de diorito; encoivarados depois de secos, os ramos, alastravam-lhes por cima, crepitando, as caiçaras, em bulcão de fumo, tangidas pelos ventos. Inscreviam, depois, nas cercas de troncos combustos das caiçaras, a área em cinzas onde fora a mata exuberante. Cultivavam-na. Renovavam o mesmo processo na estação seguinte, até que, de todo exaurida, aquela mancha da terra fosse, imprestável, abandonada em caapuera – mato extinto – como o denuncia a etimologia tupi, jazendo dali por diante irremediavelmente estéril porque, por uma circunstância digna de nota, as famílias vegetais que surgiam subsecutivamente no terreno calcinado eram sempre de tipos arbustivo enfezados, de todo distintos dos da selva primitiva. O aborígine prosseguia abrindo novas roças, novas derrubadas, novas queimas, alargando o círculo dos estragos em novas caapueras, que ainda uma vez deixava para formar outras noutros pontos, aparecendo maninhas, e envolver enfezado, inaptas para reagir com os elementos exteriores, agravando, à medida que se ampliavam, os rigores do próprio clima que as flagelava, e entretecidas de carrascais, afogadas em macegas, espelhando aqui o aspecto adoentado da Catanduva sinistra, além a bravez convulsiva da caatinga brancacenta.

Veio depois o colonizador e copiou o mesmo proceder. Engravesceu-o ainda com o adotar, exclusivo, no centro do país, fora da estreita faixa dos canaviais da costa, regímen fracamente pastoril. (CUNHA, 1978: 85-87).

Na citação acima, apesar do tom extremamente preconceituoso do autor quando se refere às regiões secas do Nordeste, dá para perceber a relação conflituosa entre a vegetação nativa e o homem, levando esse meio natural a se encontrar em situação de extinção, pondo em risco toda uma cultura que se abasteceu dos elementos desta.

A desertificação é o resultado da falta de conscientização, má utilização do solo, e da falta de formas de manejo que se levem em consideração à fragilidade do ecossistema que compreende a nossa Caatinga. Torna-se preocupante a sua situação, quando se fala em termos de conservação de sua vegetação.

Por mais que se denuncie a sua devastação pouco se faz para protegê-la, porém, o problema da conservação do seu bioma não passa tão somente pela aplicação da lei de conservação ambiental, mas, por uma constante e ostensiva conscientização das populações das regiões de predomínio da mesma, criando as condições de sustentabilidade econômica para essa população que na sua grande maioria ver na devastação da Caatinga o seu único meio de sobrevivência.

A Caatinga torna-se um modelo natural para a sociedade transformando-a ao feitio desse frágil mais ao mesmo tempo rústico bioma. Essa sociedade se caracteriza por sua simplicidade e timidez mais ao mesmo tempo tem uma robustez inigualável com condições extremas de se adaptar às condições mais adversas, justificada, pela influência que essa mesma sociedade sofre pelo bioma, numa sociedade com características “inquebrantáveis” e solidificadas pela “rusticidade” do meio geográfico que interage de maneira factual com o bioma supracitado de todas as formas, criando as condições inimagináveis de sobrevivência.

E dentro desse burburinho de dificuldades que a cultura nordestina se expressa de maneira mais grandiosa usando o clima inclemente dos sertões acaatingados, como matéria prima para que o poeta escreva a canção que toca bem fundo a alma sertaneja e começa da seguinte maneira:

No Nordeste imenso, // quando o sol calcina a terra, //
Não se vê uma folha verde // na baixa ou na serra //.
Juriti não suspira //, inhambu // seu canto encerra //.
Não se vê uma folha verde // na baixa ou na serra.

Acauã, // bem no alto // do pau-ferro, // canta forte, //
Como que reclamando // nossa falta de sorte. //
Asa branca, // sedenta, // vai chegando na bebida.
Não tem água à lagoa, // já está ressequida.

E o sol vai queimando // o brejo, // o sertão, // cariri e agreste.
Ai, // ai, // meu Deus, // tenha pena do Nordeste.

Laiá laiá laiá,...

No Nordeste imenso, // quando o sol // calcina a terra, //
Não se vê uma folha verde // na baixa ou na serra.
Juriti não suspira, // inhambu // seu canto encerra.
Não se vê uma folha verde // na baixa ou na serra.

Acauã, // bem no alto do pau-ferro, // canta forte,
Como que reclamando // nossa falta de sorte.
Asa branca, // sedenta, // vai chegando na bebida.
Não tem água à lagoa, // já está ressequida.

E o sol vai queimando o brejo, // o sertão, // cariri e agreste.
Ai, // ai, // meu Deus, // tenha pena // do Nordeste.

Laiá laiá laiá, ... (CAVALCANTI, 1968).

Nota-se na canção acima a familiaridade com que o homem do Nordeste tem com clima, e a vegetação de caatinga vislumbrando uma variada composição de possibilidades que confere a esse homem acaatingado exercer todo o seu empirismo em relação a esse meio natural, transformando a agonia em poesia que estimula toda a vivacidade cultural do homem do semi-árido nordestino.

A cultura nordestina principalmente das regiões semi-árida se constrói com elementos naturais que exprimem o fato da cumplicidade secular existente e aqueles que constroem os fatos culturais.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. **Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil**, Brasília: UNB, 1986.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino Uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino (nordeste-1920/1940)**. Edições Catavento, 2003.

ALMEIDA, Agassiz. **500 Anos do Povo Brasileiro. Uma Visão Crítica**. São Paulo – SP: Paz e Terra, 2001.

ALMEIDA, Antônio Pereira de. **Os Oliveira Ledo e a Genealogia de Santa Rosa**. João Pessoa – PB: Gráfica Universal, 1978. (1 vol.).

_____. **Velhos Troncos de Cabaceiras e o Povoamento do Vale do Taperoá**, João Pessoa - PB: Gráfica Universal, 1978.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**, Campina Grande-PB: Livraria Pedrosa, 1962.

ANDRADE, Gilberto Osório de. **João Pais, do Cabo: O patriarca, seus filhos, seus engenhos**, Recife: Massangana, 1982.

ARAÚJO, George Gomes de. SILVA, Edjane E. Dias da. SILVA, Arceu Alcides Da. **Histórias de Boa Vista**, Revista do Núcleo de Estudos Históricos e Geográficos de Boa vista, nº1,1997, Maio, DCE UFPB.

_____. **A Aldeia pagã e batizada: as tradições na fundação de Campina Grande (1665-1702)**, Campina Grande-PB, UFCG, 1997, (Monografia da Especialização em Historiografia e Ensino de História).

ATLAS ESCOLAR DA PARAÍBA. **Espaço Geo-histórico e Cultural**. 2ª ed. Amp. E atualizada. Coordenadora Janete Lins Rodriguez. João Pessoa: Editora Grafset, 2002.

BENKO, Georges. **Economia Espaço e Globalização**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999. Segunda Edição.

BORGES, José Elias Barbosa. **A Fundação de Campina Grande**; Revista Campinense de Cultura, nº 5, ano II, setembro de 1965, Editora da Comissão Cultural do Município.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. **A Elite Colonial Piauiense: Família e Poder**, Teresina-PI: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1995.

CÂMARA, Epaminondas. **Os Alicerces de Campina Grande**: Esboço histórico – social do povoado e da vila (1697-1864), 2ª ed., Campina Grande-PB. Edições Caravelas, 1999. (Coleção Escritores Campinenses).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/ do Mundo**. São Paulo – SP. Editora HUCITEC, 1996.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade. O homem e a Cidade, a Cidade e o Cidadão, de quem é o solo urbano?** São Paulo – SP. Editora Contexto, 1992.

_____(Org.). **NOVOS CAMINHOS DA GEOGRAFIA**. São Paulo – SP. Editora Contexto. 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore Brasileiro**, São Paulo-SP: Global Editora e Distribuidora Ltda., 2001.

CASTRO Josué de. **Ensaios de Geografia Humana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

CONTINENTE DOCUMENTO. **Para entender o Brasil Holandês**. Ano I – Nº 1/2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (Organizadores). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro-RJ: Bertrand Brasil, 2003.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Formar LTDA, 1978.

DUPÂNQUIER, Jacques. **Demografia Histórica e História Social**. In: MARCÍLIO, Maria Luíza (org.) **População e Sociedade: evolução das sociedades pré-industriais**, Petrópolis-RJ: Vozes, 1984.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**, 7ª ed., Rio de Janeiro - RJ: José Olympio, 1952.

_____. **Sobrados e Mucambos, decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. Rio de Janeiro - RJ: José Olympio Editora S.A.

FURTADO, Celso. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983. 8ª ed.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil História da Província de Santa Cruz**, São Paulo: Editora Itatiaia Limitada, Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

GIST, Noel P., HALBERT, L. A. **A Cidade e o Homem. A Sociedade Urbana**. Rio de Janeiro – RJ, Editora Fundo de Cultura, 1959.

GOTTDIENER, Mark. **A Produção Social do Espaço Urbano**. 2ª ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

GUERRA, Paulo de Brito. **A civilização da seca**. O Nordeste é uma historia mal contada. Fortaleza: DNOCS, 1981.

HUGO, Schlesinger. **Geografia Industrial do Brasil**. São Paulo – SP. Editora Atlas S.A. 2ª Edição. Coleção Economia Moderna. Vol. 3, 1958.

JOFFILY, Irineo. **Notas Sobre a Parahyba**, 2ª Ed., Brasília: Thesaurus, 1997.

LIMEIRA, Maria José. **Antônio Almeida. Médico, Escritor, Político e Minerador**. João Pessoa – PB. Editoras: Ana Lúcia de Almeida Ribeiro Coutinho e Maria Graziela de Almeida Dantas, 2001.

MATTOS, Joaquim de Almeida. **Vida e Crescimento das Cidades**. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo. Editora Globo, 1952.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Aconteceu na Capitania do Rio Grande**. Natal – RN. FUNCART.

MEDEIROS, Tarcísio Dinoá e MEDEIROS, Martinho Dinoá. **Ramificações genealógicas do Cariri paraibano**, Brasília: CEGRAF, 1989.

MUMFORD, Lewis. **A cultura das cidades**, Belo Horizonte - MG: Itatiaia, 1965.

_____. **A cidade na história**, Belo Horizonte - MG: Itatiaia, 1965.

ORTIZ, Fernando. **Africania de La Cultura Cubana**. Habana: Cortez, 1979.

OCTÁVIO, José. **História da Paraíba. Lutas e Resistências**. 3ª edição: Editora Universitária, 1996.

PORTO, Costa. **Estudo Sobre o Sistema Sesmarial**. Recife: Imprensa Universitária, 1965.

PRATT, Mary. Louise. **Os Olhos do Império: relatos de viagem e Transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.

SANTOS, Milton. **Economia Espacial. Críticas e Alternativas**. São Paulo-SP: Editora Hucitec, 1979.

_____. **Pelo Pêlo. História, Cultura, e Cidade**. Salvador-BA: EDUFBA, 1965.

_____. **Ensaio sobre a Urbanização Latino-Americana**. São Paulo-SP: Editora Hucitec, 1982.

_____. **O Espaço Dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro - RJ: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1978.

_____. **Por Uma Geografia Nova. Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo-SP. Terceira edição. Editora Hucitec, 1986.

SILVA, Lino Gomes da. **Síntese Histórica de Campina Grande, 1670 – 1963**. Pesquisa e Relatos históricos. João Pessoa. – PB. Editora Grafset 2005.

SOARES, Francisco de Assis Ouriques. **Bôa Vista de Sancta Roza. De Fazenda à municipalidade (1666-1997)**. Campina Grande. Epigraf, 2003.

SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e Urbanização. Núcleos urbanos na história, Revolução Industrial e Urbanização a Cidade Moderna**. São Paulo – SP. Editora Contexto, 1989.

TAUNAY, Affonso de. E. **História das Bandeiras Paulistas**. Brasília. Melhoramentos, 1975.

TAVARES, João de Lyra. **Apontamentos para a História da Paraíba**. 2ª ed. 1982.

UCHÔA, Bolanger de Albuquerque. **História Eclesiástica de Campina Grande**. Imprimatur,

